

Viriato

TRAGÉDIA

de Manuel de Figueiredo

ACTORES

<i>Viriato</i>		Capitão General da Lusitânia.
<i>Tântalo</i>	}	Oficiais Generais. Comandante.
<i>Apuleio</i>		
<i>Arsilio</i>		
<i>Dictalion</i>	}	Comandantes das Tropas Aliadas.
<i>Minuro</i>		
<i>Aulaces</i>		
<i>Belisauro</i>	}	Subalternos.
<i>Artandro</i>		

Coro das Tropas Aliadas.

ACTO I

CENA I

Dictalio

Dict. Alternai, generosos Lusitanos,
Os louvores da Paz, que traz ao mundo
Toda a felicidade: os seus influxos
Naquela estação própria às sementeiras,
Deixam que o Lavrador a terra branda
Vá rompendo sem custo dos arados.
Ela faz que o trabalho em benefício
Do pobre Lavrador se recompense
Que gostemos os frutos sazonados,
Que logremos na doce companhia
Dos filhos, das esposas, dos amigos,
Todos os bens da terra: vós o vedes;
Pois tantos anos há que aos vossos campos
São inúteis as fouces; quantas vezes,
Quantas chorastes, vendo arder a espiga
Pelo voraz incêndio dos Romanos,
Depois de vos custar tantos suores?
Chorais os filhos mortos, e a desonra,
Bárbaro proceder dos vencedores,
Que nas vossas mulheres deixa inútil
A constante virtude; horrível mancha,
Que não lava nos peitos Lusitanos
Aquela grande acção da infeliz Ósmia.
Hoje vedes ondear toda a campina
Desses frutos de Ceres; hoje vedes
Sem suspeita a esposa; vossos filhos
Apascentando os gados; as tosquias
Vós mesmos as fazeis. Destes princípios
Já podeis regular os bens futuros;
Seja qual for a paz, tem mais vantagens
Que a guerra mais feliz: a natureza
Geme oprimida; os Deuses nos castigam;
Alternai, generosos Lusitanos;
E vós continuai Tícios, e Belos.

CORO

Por ti, gentil Deidade,
Invejas faz aos homens
A habitação do Olimpo.
Por ti despende a terra
Com larga mão tesouros,
Que esconde com temores
Do triste horror de Marte.
Trocamos hoje as palmas
Por estes ramos santos;
Aquele agudo ferro
Por estas curvas fouces.

CENA II

Tântalo, Dictalion

Tant. Bárbaros Lusitanos, que Deidade
Tira do altar de Marte os sacrifícios?
À Paz, bárbaro povo, à Paz ofrendas?
Cantais hinos àquela Deusa injusta,
Que nos tem abusado tantas vezes
Na falsa confiança dos Romanos?
Que nos tem malogrado as conjunturas
De os ver inteiramente destruídos?
Deixai essas insígnias aos cobardes.

Dict. Não venhais perturbar, Tântalo injusto,
Nossos ritos sagrados.

Tant. Eu te vejo,
Indigno Dictalion, Tício perverso,
Querer interessar a Divindade
Na traição que maquinas; como vejo
Em tal superstição bem confirmada
A suspeita de teus pretextos falsos,
Com que o grande valor das nossas gentes
Amoleces, traidor.

Dict. Traidor?

Tant. Traidor cobarde,
E traidores Aulaces e Minuro:
Estremece de veres descobertos
Teus malignos intentos: Lusitanos,
Lavai a vossa mancha, vinde todos
Ratificar nas aras do deus Marte
Os vossos juramentos contra Roma.

Vinde fazer de novo mil protestos
De vingar nestes falsos aliados
O seu perverso intento: inda conservam
Vossas mãos as insígnias criminosas?
Por indignos do nome lusitano
Desde já vos declara a amada Pátria.
Tomai vossas espadas: não vos lembra
Que não chorara tanto a Lusitânia,
Se Galba vos não visse desarmados?
Tu repete, cobarde, inutilmente
À Divindade os votos; porque nunca
Tornarás a encontrar a conjuntura
Que tens perdido agora, traidor fraco.

CENA III

Dictalion

Dict. Repeti sem temor os vossos hinos;
Viriato nos vingue, o Céu nos mostre
À Lísia mais fiéis que os Lusitanos.

ESTROFE

Origem foi a guerra
De quantos males sentem
O campo, o gado os homens.
Mil vezes dela vimos
Nascer a horrível peste:
Mil vezes pelas fomes
Se dobra o seu flagelo.

Crimina os vossos cultos,
Os homens faz ferozes.
Trocamos hoje as palmas
Por estes ramos santos;
Aquele agudo ferro
Por estas curvas fouces.

CENA IV

Viriato, Dictalion

Vir. Depois de uma notícia tão conforme

A nossas intenções, feliz agouro
Encontro nestas vozes.

Dict. Nossos ritos
Em dia semelhante indispensável
Fazem que a Paz louvemos estes cultos,
Que suspensos depois de tantos anos
Hoje duplicam nossas alegrias,
Diversa inteligência tem achado
No coração de Tântalo; indevoto
Com injúria da mesma Divindade
Mandou lançar por terra os santos ramos,
Que nas piedosas mãos da tua gente,
Como insígnias da Paz e da abundância,
Lhes tinha colocado o sacerdote,
Fazendo que nas aras do deus Marte
Fossem purificar as mãos impuras.
Vir. Indiscreto valor da forte gente,
Que passando três lustros sobre as armas,
Não chega a conhecer o horror da guerra:
A julgar que somente é permitida,
Quando dela depende a liberdade:
Que se olha a Paz o fruto da peleja.
Que bem que os conheci, mandando ao cônsul
Os três embaixadores estrangeiros,
Encobrimo o motivo que esta gente
Mais guerreira que sábia presumira,
Quando a felicidade lhes procuro,
Que os sacrifícios à fúria dos Romanos.

Dict. É de Paz tão notório o benefício
Que a nenhum dos mortais pode ocultar-se:
Por ela toda a tropa se interessa;
Mas Tântalo, que espera seus aumentos,
Não da glória da Pátria, mas de indignas
Sugestões do artifício dos Romanos,
Por encobrir seus pérfidos desígnios,
Se quer mostrar zeloso; aos comandantes
Das tropas aliadas, de traidores
Infama; se souberas o motivo...
Mas bastará dizer que te acauteles.

Vir. Que me acautele?

Dict. Sim: que a Paz somente
Se não vê confirmada, que Roma
Espera consegui-la a menos preço.
O retiro do cônsul bem te mostra
Tanto artifício, Aulaces e Minuro

Bem deixam compreender no que te dizem,
Que tem já descoberto este segredo.

Vir. Que dizes, Dictalio?

Dict. O seu desígnio
É prevenir nas más inteligências,
Que maquina entre os meus e teus soldados
O fruto da desordem; porque agoura
Sobre o total destroço dessas gentes
(Mal entendida glória do teu nome)
Sua ambição e inveja satisfeita;
Recebendo por dom desses tiranos
O que alcançaste em prémio da virtude.

Vir. Não cabem, Dictalio, no ilustre peito
Lusitano tão bárbaros projectos.
Não cabem na virtude dos Romanos
Tão perversas maldades; nem Servílio
Deixará de lembrar-se dos horrores
Com que quis a República severa
Castigar a traição injusta de Galba.

Dict. Ah, senhor, que o carácter de Servílio
É bem próprio de tanta indignidade!
Esqueces-te que sendo ele o primeiro
Que aceitar fez a Paz a Serviliano,
Contra seu próprio irmão depois conspira,
Porque firma o tratado e vem rompê-lo
Com tão má fé cobarde, e frouxamente?

Vir. Pela infâmia do tal procedimento
(Que impróprio me parece de Romanos)
É que mandei Aulaces e Minuro
A conhecer se deu à nossa injúria
Motivos a República, ou Servílio.
Sejam de Roma os capitães infames,
Porém nunca desculpe com seus erros
As intenções indignas do Senado.

Não mostre Viriato nunca ao mundo
Que um tratado rompeu sem mais motivo
Que o capricho de um cônsul temerário.

Dict. Mas depois do atentado executar-se,
De que serve o castigo dos traidores?
Depois da sujeição de Lísia, pouco
Importará que Tântalo pereça,
Que seja dos Romanos desprezado.

Vir. Da sujeição de Lísia? Quando Roma
Estremece do esforço de tal gente,
Quem poderá fazer nossa conquista?

Dict. Quem de seu capitão for assassino.

CENA V

Viriato, Besilauro

Vir. Ah, desgraçada Lísia! Ah, liberdade!
Pouco importara, Deuses, que eu morrera,
Se deste amor da Pátria o ilustre exemplo
Não visse na traição quase perdido.
Não julgou Viriato ser eterno;
Mas nunca presumiu que a alguém lembrasse
A sujeição da Lísia enquanto lessem,
Enquanto lessem nos fateis sepulcros
As causas da vingança; enquanto vissem
Pendente o juramento; enquanto o sangue
Desta raça imortal não fosse extinto.
É pânico o terror, indigno o susto;
É Tício Dictalion; é Lusitano
O valeroso Tântalo: em vão Roma
Contaminar pretende a fé constante
Da gente ilustre e forte; um vil aborto
Não pode perverter-lhe a natureza:
Introduzir horrores na minha alma!
Se morrer Viriato, a amada Pátria
Tem seguro o valor da forte gente.
Produza um vil traidor a grande Lísia.

Belis. Contamina a ambição peitos ilustres,
Domina o grande espírito os vulgares.

Vir. Anime embora a inveja o forte braço,
Descarregue a ambição da minha glória
O prevenido golpe; a minha morte
Não se faz pelo horror da liberdade,
O Senado verá na Lusitânia
As mesmas sedições que sente Roma;
Mas quando se tratar do bem da Pátria,
Não distinguirá Lusos de Romanos.

Belis. Lembre-te, Viriato, aquele estado
Em que choraste a Pátria, em que a viste,
E o Povo Lusitano reduzido
A receber as leis de Roma; e nunca
Chegara a sacudir o infame jugo,
Se tu não foras: nascem já guerreiros
Os Lusitanos, sim; porém dependem
Os sucessos das armas inconstantes
Mais de seus capitães que dos soldados;

Fortes feitos, esforços generosos
Verás nas tuas gentes, que te lembrem
Emiliano, e Lélío; mas o mundo
Tarde outro herói terá de quem nos diga,
Assim foi Viriato!

Vir. Veja a Lísia
Temer a morte àquele que fundava
No desprezo da vida a glória.
Veja o mundo que pode um vil, um fraco
Introduzir no peito, que não teme,
Toda a fúria de Roma, vis terrores;
Tanto faz um traidor, a tanto obriga
No peito lusitano o bem da Pátria.
Os exércitos sempre combinados
Se empregam desde agora em qualquer posto,
Enquanto não decido na suspeita
E dou mais saudáveis providências;
Fazendo a divisão de tal maneira,
Que em qualquer ocasião se distribua
A dous homens dos teus um Lusitano.
Belis. Prontamente será obedecido.¹
Vir. Ah, desgraçada Lísia, ah liberdade!
Mas é possível, Céus, que um Lusitano
Conspire contra mim, entregue a Pátria?

ESTROFE

Ó Deusa, que do Olimpo
Aos míseros humanos
Trouxeste os bens supremos:
Que espalhas sobre a terra
A paz, com que respira
A aflita Natureza.

ANTÍSTROFE

Ó Deusa, que separas
Do mundo a vil discórdia,
Horrendo monstro e fero,
E que dos inimigos
Por teus influxos santos
Tornaste amor os ódios.

¹ *Parte.*

EPODO

Não queiras, não, que veja a Lusitânia
Exemplos tão contrários;
Da tua compaixão benigno influxo
Dos peitos mais unidos
Apartas a concórdia?

ACTO II

CENA I

Dictalio, Viriato

Dict. Mais heróis o valor tem sepultado
Que não feito cobardes a prudência.
São fracos os traidores: se a cautela
Só lhes ministra esforço, use o guerreiro
Da política mais do que o braço;
Se não expõe a vida o subalterno
Mostra indigno terror; mas nunca o chefe
É daquelas infâmias suspeitável;
É mais brava que os golpes a presença,
É nobre toda a acção que lhes dá vida;
E se o desprezo desta a guerra julga
Nos mais valor, nele é temeridade.
Do teu capricho prende toda a Lísia.

Vir. E do temor a fé dos Lusitanos.
É pânico terror, precipitei-me;
Corre, corre a dizer-lhe que suspenda
As ordens que lhe dei.

Dict. Senhor, espera.

Vir. Não te detenhas, corre.

Dict. Viriato?

CENA II

Apuleio, Viriato, Dictalio

Apul. O major general nos deu no campo
Umás precisas ordens que repugnam
Ao nobre ardor da tropa, e que não deve
Imaginá-las tuas a prudência.

Vir. Essas mesmas ordens que executes
E com Tântalo já na minha tenda
Virás receber outras.

Apul. Vê que a tropa...

Vir. Executem-se as ordens, tenho visto.

CENA III

Dictalion, Viriato

Dict. Olha como confirmam já rebeldes
O seu perverso intento; pois frustrado
Se vê nas saudáveis providências
Que tomaste.

Vir. Impossível, impossível
Me parece o que passa enquanto mando,
Enquanto determino; considero
Mais a injúria que faço, que o perigo
Em que me vejo: ó Céus! o amor da Pátria,
O valor de ta gente, a fé constante
Respeito nessas mesmas repugnâncias
Da pronta execução das minhas ordens;
Esse mesmo transporte irreverente
Do valeroso Tântalo parece
Bem digno atrevimento de um soldado.

Dict. Podes louvá-lo quando o vês rebelde?
Quando vês indevoto o julgas bravo?

Vir. Devo, Dictalion, que por mim julgo
Qualquer soldado meu; se um deles fora,
Primeiro me matara que deixasse,
Executando as ordens, suspeitosa
A minha honra; e vendo preferida
A fé de estranhas gentes a lealdade,
Que nos homens infunde o amor da Pátria;
Não sei se me esquecera aquela afronta
O seu mesmo interesse; a vil suspeita
Mais se confirmaria quando os visse
Obedecer constantes; que os ardores
De tão guerreiro exército abatidos
A Lísia não verá sem que primeiro
A traição contamine os nobres peitos:
Mas é forçoso agora sustentá-los
Por crédito da mesma disciplina.

Dict. Vê que nos afectados pundonores
Obra mais a traição do comandante
Que o marcial capricho dos soldados;
E que uma vez perdidos os respetos
De cega obediência, em qualquer ordem
Descobrirão pretextos arrogantes
Para interpretar sempre teus mandados.

Vir. Em tanta ocasião que a dura guerra
Lhes tem feito sofrer tantos trabalhos;

Já suportando fomes, já perdendo
Totalmente a esperança da vitória,
Já vendo os meus desígnios temerários,
Já podendo fugir do precipício;
As mais bárbaras ordens não tiveram
O mínimo reparo; a humanidade
Sem ver a glória, cega na obediência,
Passava a executá-las por costume.
Valem mais estas provas que a suspeita
Para lhes presumir, quando os desonro,
Efeitos de braveza os seus reparos,
E não vil sugestão dos subalternos.
Dict. Eles são de traidores convencidos,
Outro modo não tens de preservar-te;
Vê se queres depois de tanta glória
Arriscar o sucesso temerário:
Os dous embaixadores hoje sabes
Que hão-de entrar neste campo; e se duvidas
Da traição que te juro, faze ao menos
Executar as ordens, com pretexto
De qualquer incidente enquanto chegam;
Que se à vista das provas que te derem
Daquela inteligência, o teu destino
Infeliz prevalece, restaurada
Ficará a vil infâmia dos traidores:
Sacrifica o valor hoje à prudência,
Se não já pela vida, pela Pátria.
Vir. Sempre indigna será de Viriato
Uma prudência que parece medo:
Um terror com que infamo a Lusitânia
Se faz mais detestável que a conquista.
Dict. Assegura na vida a liberdade,
E desfaz a suspeita um fingimento.
Vir. Contra os Romanos valem fingimentos.
Porém se chego a ter por inimigos
Os Lusitanos, o poder de Roma
Junto às minhas indústrias fora pouco.
De tanto vil engano escarmentados,
Tão perspicazes são como guerreiros.

CENA IV

Belisauo e ditos

Bel. Viriato, pretendo inutilmente

Como orador, ou já como soldado,
Afectando pretextos e castigos,
Que as ordens que me deste se executem:
Os Lusitanos postos em batalha
Têm já o nosso exército cercado,
E se não suspendera os seus desígnios,
Enquanto desta acção vinha dar parte,
O teriam passado todo à espada,
Achando os meus soldados desarmados
Segundo os nossos ritos, que em tal dia
As insígnias de Marte lhes defendem.
Vir. Honrada gente, bravos Lusitanos!

CENA V

Viriato, Tântalo, Apuleio, Dictalion, Belisauro

Apul. Senhor...

Vir. Basta, cobardes, eu vos mostro
Como se mandam gentes; de vós outros
Nenhum daqui se aparte.²

Tânt. Vis infames,
Eu vos juro, traidores, eu vos juro
Por todo o inferno, pérfidos ingratos,
Que sejais escarmento vergonhoso
A toda a humanidade; e por cobardes
Respirais esse alento criminoso,
Só digno de acabar no cadafalso.
Apul. Sofreis aquela injúria? que mais provas
Podeis dar de traidores?

Belis. Dos rebeldes
Se fizeram no mundo os conjurados;
E Viriato, que antes desta prova
Que lhe acabais de dar da vossa infâmia,
Sublevando essa tropa frouxamente
Contra tão poucas gentes desarmadas,
Com pânico terror de criminosos,
De vós se acautelava, conhecendo
Na fê dos aliados maior zelo
Que nessa lealdade lusitana;
Que julguei bem provada na desonra,
Com que intentais ferozes bandoleiros
Mostrar o heróico amor da liberdade.

² *Parte.*

Apul. Infame.
Tânt. Não deslustres.
Apul. Morre.
Tânt. O ferro
 Tinto em sangue romano em tão vil sangue?
 A desprezos acabem, se em tais almas
 Podem caber tão dignos sentimentos.
Dict. São bem dignas de acções de ânímos nobres
 Cometer os contrários desarmados.
Apul. Como reputo inúteis em tais braços
 As armas generosas, nas feridas
 Vos honrara os cadáveres.
Dict. Mais bravo
 Me viras se tivera essas vantagens.
Apul. Atreveste-te, cobarde?³
Tânt. Toma-a, indigno;⁴
 Com mais desproporção vencem Romanos
 Os Lusitanos fracos, se os tem Lísia.
Apul. Fora a primeira que vez que os Lusitanos
 Entrassem no combate com vantagem.
Tânt. Perdeis a cor, indignos? A braveza
 Está nos corações e não nas armas.
Dict. As acções que condeno, não pratico.

CENA VI

Viriato e ditos

Vir. Voltai... porém...
Dict e Bel. Senhor,
Tânt. Nessas defuntas
 Caras lerás a infâmia que se oculta
 Nas negras almas.
Vir. Basta, retirai-vos,
 Que já vos ouvirei na minha tenda.

CENA VII

Dictalion, Viriato, Artandro, Belisauro

Dict. Senhor, ou consideras tanta infâmia

³ *Tira a espada.*

⁴ *Tira a espada.*

Nas tropas aliadas, que lhe imputas
O crime de traição que os teus maquinam,
Ou cegamente dás ao teu destino
Desculpas nos descuidos em que deixas
De prevenir o golpe lamentável;
Preferes à lealdade lusitana
As nossas gentes para um ministério
Em que primeiro a fé que qualquer outra
Circunstância se deve ter presente.
Ajuntando-se a indústria do Senado
À política infame de Servílio,
E quando deles fias a embaixada
De que está toda a Lísia dependente,
Crês o indigno estorvo, que difere
Uma paz vantajosa e tão precisa;
Não só deixas perder a conjuntura,
Mas infamas a nossa lealdade,
Aprovando a conduta dos rebeldes;
É presumir em nós muita virtude,
Que o distinguir-nos só para ultrajar-nos
Lembra a vingança mais que o benefício;
Já vimos desprezados nossos cultos,
Culpados os ministros de traidores,
A vilezas a tropa reduzida,
De infieis insultados, e de fracos;
E constantes sofremos tais afrontas,
Sem mais vistas que o bem da Lusitânia;
Que, se o cônsul em nós vira discórdia,
Eu te juro que não confirmaria
A injuriosa Paz. Agora dize,
Dize-me o que têm feito os teus soldados
Por crédito da sua lealdade?
Vir. O que acabo de ver; que apenas chego
E lhes digo *Rebeldes*, fíncam todos
As maçãs das espadas sobre a terra,
E debruçados nas agudas pontas
Os valerosos cabos já lhas mostram,
Traspassados os peitos no costado;
Ficando todo o esforço das palavras
Inútil a deter o honroso impulso
No mais fraco soldado; se não viram
Que eu seguindo constante aquele exemplo
Buscava neste ferro a mesma morte.
Eles correndo a mim, deixando as armas,
Juram por todo o inferno de matar-se,
Se não suspenso o golpe, sendo inútil

A atestação sagrada; pois nas caras
Estava escrito o firme sentimento
Daquelas almas nobres que se rendem,
Aclamando-me todos Pai da Pátria.
Dict. Nisso mesmo verás quanto a presença
Dos traidores cruéis é perigosa;
Que apenas lhes faltou, pronta observância
Encontraste nas ordens, logo viste
Na sua lealdade aquele fruto
Da prevenção discreta que tomaste,
De impedir-lhes que ao campo te seguissem.
Art. Mal presumes que Tântalo empregava
Por sustentar o crédito da tropa
As mais fortes razões da disciplina,
E lhes mostrava como bom patrício
E valeroso cabo o que devera
À jurada obediência, ainda que vissem
Sacrificar a Pátria obedecendo.
E constante Apuleio, não com menos
Vigor ali também trouxe à memória
Mil casos felizmente sucedidos,
Em que a disposição de Viriato
Julgava a todo o exército contrária
Do bem da Pátria, do valor da tropa:
Mas ela rudemente ponderava
Pelas vozes *rebeldes* a desonra
Da sorte que a nós mesmos nos parece
Mais fiel orador qualquer soldado:
Qualquer de nós presume que em tal lance
Teria aquele infame atrevimento:
Era um raio, Senhor, cada palavra;
Era uma fúria cada Lusitano:
Apontando as espadas contra os nossos,
As mordiam de raiva por não ser-lhes
Permitida a vingança; nos semblantes
Enfiados a cólera lhes tinha
A desonra e o valor escrito; os olhos
Encarniçados, trémulos os braços,
Arrancando-se as barbas e os cabelos,
Nos faziam temer que furiosos
Deixassem já de ver aquele indulto,
Que nos deu para a vida a falta de armas;
Suposto que ferozes, como brutos,
Arremessando a espada muitos deles,
Ali deixaram mortos a punhadas,
E não e encontraria o fero menos

Se a grande prontidão dos comandantes
Não detivesse o bárbaro destroço,
Mostrando-lhe a vileza do combate.
Foi animosidade, mas com menos
Motivos, quando a tropas combinadas
Sofrem seus capitães estas desordens:
Deixa à barbaridade dos Romanos
Antepor a cegueira da obediência
Ao nobre ardor do espírito guerreiro,
Que perdida no exército a lealdade
De nobres cidadãos faz vis escravos;
E nunca dos temores do castigo
Se pode prometer tantas vantagens
O sábio capitão, como do ilustre
Amor da Pátria e estímulos honrados,
Com que os homens combatem pela glória.

Bel. Suspende a voz e lembre-te que estive
No campo...

Art. Bem me lembro, e talvez desses,
No modo em que as ordens participas,
Bem fundados motivos à suspeita.

Bel. Os vis temerosos só...

Art. No teu semblante
O gesto de um traidor vemos escrito;
Tão perto estão de infames os cobardes.

Bel. Se não fora...

Vir. Detende e figurai-vos,
Que mandais este exército; que arbítrio
Tomaríeis no caso em que me vejo,
Reduzido a perder num só instante
O trabalho infeliz de tantos anos?
Sacrificado a ver por um receio,
Com que deslustro a fé que o mundo espanta,
Expirar Lusitânia em tantas vidas,
Instrumentos fiéis da minha glória.
Oh, que impulsos que tenho de matar-me!
Por esquecer aquela horrível cena,
Em que mau capitão, fraco soldado,
Vi quase sepultar meu nome, e a Pátria.
Que arbítrio seguirei?

Dict. Se que separe
Os fiéis dos traidores, sem que deixes
De regular por ti teus subalternos:
E demais, presumir que isentos sejam
Das vis paixões do resto dos humanos
Os lusos corações; inutilmente

Escutarás, não digo, muitas vozes,
Mas os mesmos oráculos.

Vir. As provas

Justificara a falta dos exemplos
Se menos conhecera a humanidade.

Dict. Pois faze que essa tropa veja a infâmia

Dos comandantes bárbaros: prudente
Examina em que fundam seus receios;
Porque em quimeras, em discursos vagos
Se tornará a teus olhos o artifício
De encobrir o atentado nas cautelas
De infamar-nos de réus de seus delitos.

Condenarão talvez a inteligência
Com que vivem os meus e teus soldados,
Fruto da mais austera disciplina:

Infalível princípio das vitórias
E das mais importantes circunstâncias
A que deve atender um comandante.

Formarão do interesse das colheitas
Uns indignos motivos, vis pretextos
Para sacrificar a nossa glória?

(Duvidosos do teu consentimento)

Pretenderão mostrar nessa demora
Dos ministros que junto de Servílio
São tratados benigna e atentamente,
Que traição te maquinam, receando
Que se foram por teus embaixadores
Serão já descobertos seus desígnios,
Frustrados uma vez que ao campo voltem?
Nada podem tardar, Senhor, prudência.

Vir. Eu vos juro empregar no vil exame

O poder do terror e do artifício,
Observando nos rostos e no gesto
Aqueles movimentos infalíveis,
Intérpretes das almas criminosas;
E se uma vez decido, na vil morte
Só vítima serei do meu destino:

Retirai-vos ao campo: se convenço
De traidores os bravos comandantes,
Mais segura terei que em vossas armas
Esta vida cobarde em suas mortes.

Coro. Repara que um traidor.

Vir. Deuses, quem pode

Executar o golpe?... executá-lo...
Quem se pode atrever, se tem abertos
Os olhos Viriato e o ferro ao lado?

Dict. Vamos a prevenir as conseqüências,
Castigando o temor do fraco Artandro.

CORO

ESTROFE I

Ó Céus, ó Deusa, vede
Que espera aquele Povo,
Que zela o vosso culto
E menos sente a morte,
Que não por suas vidas
Ir contra os vossos ritos?

ANTÍSTROFE I

Ó Deusa, que defesa
Teremos contra a gente
Que faz tremer Romanos?
A gente ilustre e forte,
Sabendo que é culpada
Vilmente contra a Pátria.

ESTROFE II

Em tão fatais horrores
São sonhos, são quimera,
Ó Deuses, quanto passa.
Eu não, ó Céus, não posso
Fazer de tais sucessos
Juízos bem fundados.

ANTÍSTROFE II

Conheço a fé constante
Que guardam sempre os peitos
Usacos, Tícios, Bellos.
Mas vós sabeis, ó Deusa,
Que o mundo encheu de espanto
A fé dos Lusitanos.

ACTO III

CENA I

Viriato, Tântalo, Apuleio

Tânt. Não negamos, Senhor, que os teus esforços
Constantes no terror dos inimigos
Deixem de prometer novas vitórias:
Que fortifique o braço generoso
À proporção dos golpes, e que a guerra
Te haverá descoberto em tantos anos
O poder das indústrias e das armas.
Em ti vemos o antigo amor da Pátria,
Que empregado em favor da liberdade
Nos preservou do jugo dos Romanos.
Mas seus procedimentos sempre indignos
Nos fazem cada vez mais suspeitosa
A prometida fé. Muda o governo,
Ou já pela vingança, ou pelo susto.
Encarrega o Senado a Lusitânia
Aos mais destros guerreiros, aos mais sábios
Que foram na conquista de outras gentes
Esforçados, prudentes, generosos.
Mas as máximas bárbaras do engano
Se contam por virtude: quando tratam
Da nossa liberdade a aleivosia,
A maldade, a traição juram no templo
Da Divindade injusta; independentes
Dos tratados que firmam seus pretores,
A santa paz reclamam; da fortuna
Árbitros se imaginam; da inconstância
Das armas não depende algum sucesso;
Mais prontos a perder qualquer vassalo
Por salvar o terror que nos presumem,
Que a confessar a glória aos vencedores.
Mas que importa, Senhor, que a resistência
Nos conseguisse o nome de invencíveis?
Que importa que nos fastos dos Romanos
Cause espantos a nossa liberdade,
Se depois de ganhar tantas batalhas
Se reduz à defesa o vencimento?
Que importa que o valor da nossa gente
Assuste o Capitólio, assombre Roma,

Se na perda fatal da tua vida
Nos estremece o fim da Lusitânia?
Repara que o Senado mais astuto
Que guerreiro conspira, já conhece
Que para conseguir o nosso estrago
São mais próprias indústrias de Servílio
Do que esforços de Cláudio: não vês como
Escarmentada já, cede a vitória,
Buscando nas províncias mais distantes
A força do artifício, e não das armas?
Não pretende a República o destroço
Do Lusitano Povo; a tua cabeça
Preparam duro golpe os seus tiranos,
Como objecto do bárbaro triunfo
Regulam pelos nomes das províncias
O do Conquistador; mas quando o erigem
Para esta última parte das Espanhas,
Não lhe dizem, Senhor, que o mandam contra
A Lusitânia, sim contra Viriato.
Vir. Suspende o vil terror, Tântalo indigno,
Descrédito do esforço lusitano.
Suspende a infame voz; que o falso zelo
Com que a Pátria lamentas, me descobre
Que serão mais fatais os teus malvados,
Aleivosos intentos, que os desígnios
Dos comuns inimigos do Universo.
Se faltam no teu peito alentos nobres,
Não regules por ele, infame, fraco,
Tão distintos varões: qualquer soldado
Em defesa da Pátria generoso
Deixará a minha glória escurecida
Nos seus ilustres feitos; quem se espanta
De sucessos futuros, se conserva
Qualquer leve memória dos passados;
Que aperto, que traição, que conjuntura
Se poderá temer, ou se imagina,
Que não tenha o recurso na lembrança?
Se quase todo o mundo vês sujeito
Ao jugo dos Romanos, considera
Pela nossa defesa quanta parte
Da bárbara conquista lhe tem dado,
Mais que a força das armas vencedoras,
Os pânicos terrores dos vencidos.
Quando se empenha o bem da liberdade,
O sucesso desmente a conjectura:
Nenhum desígnio grande é temerário:

Ainda os temores justos são fraquezas;
Pois sendo mais que a morte o cativo,
Menos val a prudência que nos rende
Que o nobre atrevimento que nos mata.
Nos extremos fatais em que nos vimos
Pela traição de Galba, quem dissera,
Se não vira o meu grande atrevimento,
Que coubesse no esforço dos humanos?
Mais desesperação do que braveza
Julgará o meu projecto a eternidade,
Quando a série constante dos sucessos
Não suspendera quase por três lustros
O juízo da acção, que imaginada
É mil vez maior que conseguida.
Tanto depende a glória dos acasos.
Quando vês tanto cônsul destruído,
Quando abatidos vês tantos pretores,
Uns mortos combatendo, outros cobardes
Servindo na fuga de escarmento
Ao sucessor altivo; quando Roma
Ou já desesperada, ou justiceira
Castiga nesses bárbaros a infâmia
Dos seus procedimentos; quando o vício
Começa nas paixões particulares
A mostrar-nos o efeito da desordem;
Quando faz a ambição dos consulados
Do título a vanglória, e não da Pátria
Os ilustres serviços, desconfias
De um tropa aos Romanos formidável?
Cabe então nos alentos de um guerreiro
Tão pânico terror? Então se lembra
Lusitânia da perda de um soldado?
Assombra-te de horror o teu destino?
Se a República intenta unicamente
A minha morte, infame, que te assusta?
Pois com ela perdidos os temores
Que o meu valor lhe infunde, às suas conquistas
Vos presumirá Roma necessários.
Mas talvez que de facto os seus desígnios
Percebas, e talvez que a minha vida
Seja alvo dos seus golpes, conhecendo
Que Viriato, ó Céus!, tremei, traidores.⁵

⁵ *Parte.*

CENA II

Tântalo, Apuleio

Tânt. Considera vingança, a mesma ofensa
Ambos compreende, ambos injuria:
Traidores nos chamou; veja o soberbo
Verificando o nome; sofra a Pátria
Primeiro, que se afronte um Lusitano.

Apul. Suspende, infame Tântalo, suspende.

Tânt. Infame?

Apul. Infame, sim, que esses ardores
Contra o restaurador das nossas vidas,
Da nossa liberdade e nossas honras,
Da Lusitânia enfim, te faz indigno
De tanto sentimento: sobra a Pátria!
Estremeço de horror enquanto escuto
De tais vozes os vis traidores ecos.
Contra mim conspira, se cobarde
Tão vergonhoso bárbaro delito
Deixará sem castigo.

Coro. Paz, ó Deusa!

Tânt. Pois tu que os mais ocultos sentimentos
Da minha alma conheces.....

Apul. Pouco importa
A passada virtude se um capricho,
Se um mal interpretado ponto de honra
Tantas acções deslustra; consideras
Que foras o primeiro a despicar-te,
Quando a bárbara ofensa ambos compreende
A ser digna a vingança?

Tânt. Eu me confundo,
Vendo há pouco os estímulos ilustres
De uma austera virtude que animava
Teu generoso peito.

Apul. A mesma obriga
Que sacrifique tudo ao bem da Pátria.
Agora considera, se te lembras,
Da desgraça fatal, que ponderaste
Nessa infeliz morte, se lhe restaura
Tão grande perda o esforço do teu braço.

Tânt. Heróico sofrimento, mas inútil
A salvar uma injúria que me infama,
Porque no génio altivo suspeitoso
Será prova da culpa, ou da fraqueza.

Apul. E do bárbaro intento o fim perverso,

Ou seja malogrado, ou conseguido,
Te fará reputar em toda a Lísia
Por vil traidor à Pátria, e em todo o mundo
Por aborto cruel da humanidade.
E infame de Tântalo a memória,
Descrédito do nome lusitano
Será na eternidade: vê se é menos
Suspende a razão, até que o esforço
Nos generosos golpes do teu braço
Ao mesmo capitão mostre os efeitos
De uma nobre coração, de uma alma grande,
Do que sacrificar por um capricho,
Que a malícia reputa sacrilégio,
Honra, valor, memória, Leis e Pátria.
Tânt. Convencido me tens; porém conhece,
Conhece que não é meu sofrimento
Efeito das razões, mas sim do exemplo;
Se chegas a usurpar-me tanta glória,
Apuleio cruel, traidor amigo,
Zeloso dos impulsos generosos
Do meu constante peito, o mesmo braço
Que deténs vingará na tua vida
Honra, valor, memória, Leis e Pátria.

CENA III

Viriato e Apuleio

Vir. Vil Tântalo?

Tânt. Senhor....

Vir. Onde se oculta

Tão indigno soldado, vergonhoso
Escarmento será de quantos fracos
Ou traidores intentem contra a Pátria.

Apul. A mesma culpa, os mesmos sentimentos
Em mim castiga, pois que a mesma ofensa
Que sofremos não basta a declarar-te
Que, se fora mentido o nosso zelo,
Já todos estivéramos vingados;
E que se a causa pública devera
Ceder à nossa injúria, atrevimentos
Hoje viras em Tântalo bem próprios
De uma alma lusitana, regularas
Não pela diferença do juízo
As fraquezas do espírito e do braço.

Vir. Venha Tântalo aqui.
Apul. Pois indiscreto
Mais o crimino quanto mais o escuso;
Não distingas, Senhor, nossos destinos.
Vir. Como podem salvar o juramento
Para aquele infeliz sangue inocente
Derramado por Galba, quando apenas
O sórdido interesse, o vil descanso
Lhes varre da memória o triste caso?
Juro-vos que, depois deste sucesso,
Quantas vez me rendo ao sono, tantas
A minha fantasia representa,
Que introduzo o braço nas feridas
Nas lástimas renova os juramentos.
Quantas vez acordo estremecido,
Tantas banhado em lágrimas o rosto,
Malgrado o primeiro desengano,
Busco nas mãos o estímulo à vingança.

CENA IV

Arsílio e ditos

Ars. Viriato, Senhor, indispensável...
Vir. Que novidade, Arsílio, te anticipa
A pôr em marcha a tropa, estando os frutos
Por colher?
Ars. Viriato, aquela gente,
Ou de sofrer trabalhos já cansada,
Ou crédula à voz vaga que assegura
Confirmada já a paz de Serviliano,
Se não rebelde, tímida e cobarde
(Por seus particulares interesses)
Já mostra horror à guerra, inutilmente
Aquele ordem lhe estimo. O vil descanso
Das tropas estrangeiras contamina
O distinto valor da nossa gente,
Que se depois da paz achava menos
O fruto da pilhagem, nas lavouras
Entretida, cobarde e frouxamente
Já preza mais as fouces que as espadas.
Essas mesmas mulheres belicosas,
Que por amor da Pátria, ou dos maridos,
Com valerosa indústria duplicaram
Nos esforços do sexo a nossa glória

Com imortal assombro dos Romanos,
Que deixaram desfeitos e corridos:
Essas mesmas agora lhes escondem
Os marciais instrumentos, essas mesmas
Em lugar das memórias vingativas
Das mortes dos Avós; hoje lhes mostram
Para lástima os filhos inocentes,
E a fatal sugestão do vil descanso
Dos povos conquistados; o artifício
Com que Roma traidora lhes conserva
Pátria, religião, leis e costumes,
Faz que espíritos baixos, ignorantes
Julguem quimera o bem da liberdade;
Julguem, se me desculpas, um tirano
Aquele que lhe impede o benefício
De tal escravidão.

Vir. Céus, que discurso!
Apul. É vergonhoso sim, porém constante.
Vir. Onde está, Céus, a fé dos Lusitanos?

CENA V

Viriato, Tântalo, Apuleio

Vir. Generosos
Fiéis patrícios, a
Jurai de conservar ao bem da Pátria
O segredo importante que vos fio,
Se quereis v.
Que tanto alen.

Tant. e Apul. Sim, juramos.

Vir. Pois sabereis que junto de Servílio
Com meus plenos poderes negoceiam
Aulaces e Minuro....

Tant. Céus!

Apul. Ó Deuses!

Vir. Estremeceis, que causa....

Tant. Estremecemos

De ver que pões nas mãos desses falsários
A nossa liberdade: estremecemos
POR ver que à proporção do nosso zelo
Se vai perdendo a fé dos Lusitanos;
Para ver que quando em todos te confias,
Só de mim te acautelas.

Vir. Pois desterra
 Na minha confiança generosa
 Esse escrúpulo falso ponderando,
 Que quando uma suspeita que confirma
 Contra os vis Lusitanos teu receio,
 Me obriga a confiar de estranhas gentes,
 O custódio serás da minha vida,
 De mim responderás à Lusitânia,
 Sem mais forças, mais pompa, sem mais guarda
 Que a do teu forte braço e ilustre peito,
 Desde hoje me verás, se Viriato
 Restaura a liberdade das Espanhas.
Tânt. Satisfazes, Senhor, a minha injúria.
Apul. Deixas recompensada a nossa afronta:
 Mas aquele silêncio que jurámos,
 Fazes que justamente a nossa tropa,
 Que desígnios de guerra em ti presume....
Vir. Nem permita o destino que outra imagem
 Lhe presentem sucessos venturosos;
 Que se um breve parêntesis desterra
 De tão guerreiro exército os ardores,
 Que constantes mostraram tantos anos
 Por tão grandes trabalhos e perigos;
 Uma paz dilatada amolecera
 De tal sorte esses ânimos que Roma
 Facilmente com ela os conquistara:
 Ilustres Lusitanos, armas, armas,
 Disponha o sangue as terras Às lavouras,
 Que de outro modo enquanto houver Romanos
 Nem sereis lavradores, nem soldados:
 Voltai, disponde a marcha prontamente,
 Percam-se muito embora as sementeiras;
 E porque nunca mais a rude gente
 Por tão vil interesse constrangida
 Nos torne a balançar a liberdade,
 De uma vez o motivo se desterre,
 Rompam-se as fouces, quebrem-se os arados.⁶

CENA VI

Dictalio e Belisauo

Dict. Morrerá Viriato. A Lusitânia

⁶ *Partem.*

Formidável a Roma hoje se rende
Ao generoso golpe do meu braço.
A todo o instante os dous embaixadores
Espero neste campo: assim que cheguem
Deve o fatal desígnio executar-se,
Que tão grandes empresas diferidas
Sempre são penetradas: como os cabos
Lusitanos, depois da minha vinda,
Desta ausência murmuram, posto ignorem
O destino daqueles comandantes,
É muito de temer que, reparando
Naquela indiscrição com que Servílio
Os manda cheios de honra e de tesouros,
Lhes dará os indícios da promessa
Que chega a interessar as almas grandes.
E prevenindo o auxílio da desordem
Que já vemos no campo, diferiu
Advertido Aulaces a entrada nele
Com sua astúcia até a este dia,
Em que o guerreiro povo amolecido
Já pela mesma paz, já pela indústria
De tantas sugestões, vem desarmado
A celebrar a Deusa que louvamos:
Ficando bem inúteis as cautelas
De Tântalo cruel, que já de Lísia
Mandou marchar a tropa e a quem temera
Se me encontrasse menos prevenido;
Chegando a presumir que esta voz vaga
De confirmar-se a paz de Serviliano
É prova da traição que negoceiam,
Quando a fiz espalhar em toda a parte,
Por desterrar dos peitos lusitanos
O motivo que tem de abandonarem
Os seus particulares interesses.
Dict. Mas, Dictalion, prudente seria
Que soubessem alguns de nossas tropas
O que se premedita; porque apenas
Executado o golpe, sustivessem
O furor dessas gentes, que incitadas
Pela justa vingança, um só soldado
Não deixarão do exército que mandas.
Dict. Pereçam todos; se eles presumirem
Jamais os Lusitanos seus contrários
Morrerão de terror; um só não vejo
Que não fizesse glória de entregar-nos.
Apenas o projecto se execute,

Nada nos lembre mais do que a fugida,
Ainda que todo o exército se perca;
Alcançamos a glória a nenhum custo;
Quanto mais sacrifícios lhe fizermos,
Tanto mais obrigamos o Senado:
Não há conspiração sem tirania.
Junto de Viriato astuto observa
Os desígnios de Tântalo e de Apuleio,
Enquanto, presidindo ao culto, animo
A duvidosa fé dos Lusitanos.
Belis. Já vêm a colocar a Divindade.
Dict. Não percamos instante, ela os prospere.

ESTROFE I

Que fim, suprema Deusa,
Teremos, Céus, se tardam
Aulaces ou Minuro.
Movei, movei seus passos,
Pois todas nossas vidas
Parecem, Céus, se

ANTÍSTROFE I

Fazei que a Paz
Nos montes mais agrestes
Aumente ao gado os pastos,
Fazei que os homens julguem
Não vício, sim virtude
O horror das tristes armas.

ESTROFE II

Eu tremo, Céus, eu tremo
Que Tântalo indevoto
Desperte vossas iras,
Que a cólera ou a inveja,
Que vedes sem castigo,
Sepulte a triste Lísia.

ANTÍSTROFE II

Ó Deuses, eu descobro
O seu perverso intento:

Com justas causas o faço,
Em tal segredo arrisco
A nossa gente, a vida
Daquele herói da Lísia.

ACTO IV

CENA I

Viriato

Vir. Não despertaste em vão, santa Deidade,
Horrores na minha alma; apenas quero
Duvidar da lealdade lusitana.
Ó Céus, quanto é preciso a quem governa
Ouvir atento, consultar prudente;
E logo no princípio das desgraças
Se a fortuna mudar, mudar conselho!
De Dictalion bem pânicos terrores,
E de Tântalo o zelo inadvertido
Fizeram que em descrédito da Pátria
Precipitasse as ordens; que chegasse
A presumir que Tântalo queria
Dar-me a morte; que horror!

Coro. E se não fora
O fiel Apuleio, não poderias
Duvidar já da infâmia.

Vir. Céus, que horrores!

Coro. O traidor braço, o vil ferro empunhava.

CENA I

Tântalo, Viriato

Tânt. O vil ferro empunhava;⁷ e quando vejo
No teu semblante escrita a minha injúria,
Queira o destino (Ó Céus!) que a falta de armas
Difículte a vingança: o débil braço
Inútil ficará desde hoje à Lísia,
Que não permite, não, minha desonra,
Que a lança empunhe, que meça a espada
Em defesa da Pátria aquele indigno,
Aquele desgraçado, que não pode
Lavar a afronta sem deixar ao mundo
Suspeitosa a lealdade; e que se acaba
Sem matar Viriato, acaba infame.

⁷ *Tântalo sem armas.*

Eu fui, Céus, o primeiro Lusitano
Que escudou de traidor o nome, ó Deuses!
Bárbaro amor da Pátria! E é permitida
Que bárbaro também seja o primeiro
Lusitano infeliz que deixe ao mundo
De seu valor exemplos vergonhosos?
Embainha essa espada neste peito
Ou manda levantar um cadafalso,
(Repara que te fala um Lusitano)
Que mais sentirei morrer infame,
Que ver expirar Lísia na vil morte,
Que o Senado aleivoso te prepara,
Ver sepultar, ó Céus!, teu nome e glória,
Preferindo inconstante, mau patrício,
Depois de tanto exemplo generoso
À lealdade dos teus a fé de estranhos.
Não presumas, Senhor, que assim me explique
Por dar crédito às vozes com que a infâmia
Dessa bárbara tropa aos Lusitanos
Quer persuadir que teus embaixadores
São junto de Servílio os comandantes
Aulaces e Minuro; é mui grosseiro
Este erro de política; só pode
Fazer entrar em dúvidas o vulgo.
Mas sim porque depois que ao nosso campo
O falso Dictalion voltou, não vi
Mais do que sugestões, vis artificios,
A tropa adormecida no descanso,
Contaminada já dos mesmos vícios
Dos seus soldados moles; como aqueles
Se entretêm frouxamente à barra, à luta,
Ao cesto, à caça, às forças, à carreira,
Que a tropa chama antes suas delícias.
Já não vemos o campo: só se escutam
Em lugar das histórias dos combates,
De heróicos feitos, de ilustres façanhas
Com que tirava lágrimas a inveja,
Sós e escutam, Senhor, mil fabulosos
Contos da escravidão, suave jugo,
Com que vive feliz nos pátrios lares
Quem se esquece do amor da liberdade.
Que maior prova queres quando viste
Concorrer todo o campo desarmado
A render culto à Deusa; Deusa injusta,
Que tens sempre enganado a triste Lísia!
As armas deixariam se não foram

Sugeridos, Senhor, e alucinados
Pela superstição? Depois que Galba
Nos fez chorar a mísera tragédia,
Viste nunca, Senhor, os Lusitanos
Empregar na seara a curva fouce,
Apascentar o gado, arar a terra
Sem o penoso estorvo das espadas?
Aulaes e Minuro.

CENA III

Aulaces, Minuro, Viriato e Tântalo

Aul. e Min. A teus pés chegam,
Depois de concluir com tais vantagens
A paz não esperada, que se podem
Lisonjear de pôr dos teus arbítrios
Dependente a República Romana.

Vir. Não esperava menos da advertência
De vosso entendimento e do interesse,
Que vossas Pátrias
Mas antes de p.
Referi o m.
Levou

Aul. Os vãos temores
Do bárbaro presídio que a guarnece,
Ou julgando que tinha bom partido
Sobre um destacamento de Romanos,
Que se avançou do exército; ou querendo
Saqueá-lo somente, entrou no choque
Com vis salteadores; e Servílio,
Que conhece o vigor da disciplina
Das tropas lusitanas, supôs logo
Que sem ordem jamais tão grande absurdo
Podiam cometer homens que servem
Só debaixo da voz do teu comando
Vir. Supôs bem: sempre eu disse que o Senado
Não mandava romper tão frouxamente
A paz com Viriato; mais aprendo
A não deixar jamais de hoje em diante
Sem governo e presídio lusitano,
Ou bem seja na guerra, ou na Paz seja,
Ainda os postos de menos importância.
Min. Ah, Senhor, que me alentas na justiça,
Que fazes ao valor, à fé constante

De teus patrícios, que julguei perdida,
Quando os vi desarmados, quando encontro
Desde as mais avançadas sentinelas
Empregados somente os meus soldados:
Confirmando a suspeita o vil motivo,
Que os meus dous comandantes me referem,
Atribuindo bárbaros a infâmia
Com que o cônsul astuto refutava
Minhas primeiras práticas, àqueles
Mais valerosos cabos da tua gente,
Deslustrando cobardes essa tropa,
Por vingar-se de Tântalo, que cego
Olhava mais guerreiro, que devoto
A antiga cerimónia deste culto.
Aul. É verdade que o cônsul no princípio,
Como te fiz presente, assegurava
Quem um de teus capitães o vingaria:
Escusando-se à prática de pazes
Tendo certo a conquista; porém logo
Se deu a conhecer o fingimento;
Porque o cônsul não tem tanta virtude,
Nem tão escrupuloso obra o Senado,
Que a paz injuriosa preferisse
À vantagem que tem na tua morte.
Vir. Vês, Tântalo, os motivos que me obrigam,
Suposto involuntário a acautelar-me?
Não fizeras o mesmo se estivesses
Daquelas vis suspeitas combatido?
Tânt. Suspeitas contra a fé de um Lusitano?
Ó soberanos Deuses, mentirosa
Julgara a voz do oráculo primeiro!
Aul. Pensamento fiel de bom patrício!
Min. Bizarro atrevimento de um soldado!
Vir. Porém no capitão sempre culpável:
Que de toda a paixão deve despido
Julgar dos corações pelos
Tânt. Os corações n.
Quais sempre
E se o m.

CENA IV⁸

Artandro e ditos

⁸ Na edição de 1810 erroneamente transcrito como VI.

Art. Não queiras
 Deslustrar, Viriato, o fausto dia,
 Em que a paz vantajosa à Lusitânia
 Uma felicidade augura eterna:
 Consentindo em cadeias vergonhosas
 Na frente dos exércitos aqueles,
 Que só fez indiscretos o seu zelo.
Tânt. Ó Deuses, que artificios!
Aul. Não prossigas,
 Se não queres sofrer a mesma injúria.
Tânt. Não compreendo.
Min. Senhor, uns vis, uns fracos,⁹
 Que fizeram sofrer aos Lusitanos
 A afronta de os tratares de rebeldes,
 De os privares das armas, não só devem
 Passar por tanta infâmia, mas ao mundo
 Escarmentos serão no cadafalso.
Vir. E podem merecer por indiscretos
 Os infames castigos de traidores.
Dict. Deverei consentir que aos Lusitanos
 Tais os chegue a julgar a eternidade,
 Sem que deixe a vergonha dessa infâmia
 Restaurada na injúria do castigo?
Vir. Eles só por faltar à disciplina
 Se fizeram bem dignos dessa afronta,
 Pretendendo arrogantes e animosos
 Interpretar-me as ordens.
Dict. Não pretendas
 Que enquanto os Lusitanos vir sem armas,
 Eu ponha em liberdade os comandantes.
Vir. Peguem nas armas, dai-lhe a liberdade.
Aul. O grande Viriato viva!
Tânt. Viva.

CENA V¹⁰

Viriato, Tântalo, Dictalion

Vir. Ainda teu coração te fala contra
 Tantas heróicas provas de lealdade?
 Ainda podes chamar erro grosseiro

⁹ *Dictalion e outros.*

¹⁰ Na edição de 1810 erroneamente transcrito como X.

De política este acerto da embaixada?
Corações lusitanos, quanto tendes
Com que se descontar vossa braveza?

Tânt. Agora se confirmam meus remorsos,
Já sem máscaras vejo os artificios,
Expirou Lusitânia.

Vir. Justos Deuses!

Tânt. Quanto o primeiro engano é perigoso,
E quanto diferentes os juízos
Dos homens que discorrem preocupados,
Encontrando nas provas da maldade
Tudo próprio e conforme a seus desígnios?

Dict. Viva o grande Minuro, viva Aulaces.

Tânt. Não ouves aclamar esses traidores
Pelos teus Lusitanos? Podes, podes
Capacitar-te, cabe em teu juízo
Que aqueles comandantes lhes dissessem
Com tal sinceridade as suas infâmias,
Que se fizessem dignos
Que se esquecem
Com que os te.
Por não
E por eles viria interessar-se
O mais digno cabo, se não fora
Vilmente sugerido!

Vir. Oh, se souberas
Como te defendeu quando queriam
Animosos culpar-te nessa indigna
Falta de execução das minhas ordens,
Imputando atrevido toda a culpa
À confusão daquele que as levava?

CENA VI

Dictalion, Aulaces, Minuro, Tântalo, Apuleio

Dict. Vinde ser escarmento vergonhoso
De infames temerários; e estas armas
Com que me honrou Servílio, testemunha
Da sua confiança, melhor lustre
Consigam deste modo; o forte peito,
Como defesa não, sim como ornato,
Consinta a fina malha; o capacete
Nunca seja pesado à altiva frente;
E seja, ó Lusitânia, a aguda espada,

Seja a teus inimigos formidável.
Tânt. E no vil coração dos seus traidores
Lhe dê logo exercícios o meu braço.
Destes nomes infames toda a Lísia
Vos insulta por Tântalo: e se agora
Vós cingistes por medo essas cadeias,
Fracos vos desculpais com vossos ritos:
Apenas o Sol doure os horizontes,
Na frente dos exércitos espero
Com cada um de vós eu braço a braço
Restaurar o meu crédito morrendo,
Ou vingar minha Pátria nessas vidas.

CENA VI

Viriato, Minuro, Aulaces

Vir. Soberba condição! De um pronto exemplo.

Min. Viriato detém por nossas honras
O prudente castigo; confirmara
Naqueles corações a vil suspeita.
E que dissera o mundo se nos vira,
Se nos vira, Senhor, consentidores
Na morte de um contrário, que se atreve
A fiar dos impulsos dos eu braço
O combate a quatro?

Vir. Não tiveste
Jamais os Lusitanos por contrários:
Já cuido que te vejo sobre a terra
Frio cadáver, míseros despojos
Desse bravo guerreiro costumado
A mais terríveis golpes.

Aul. A fortuna
Bem que sempre decida dos sucessos,
Nenhum domínio tem sobre a virtude:
E quando pelo crédito é forçoso
Expôr constante a vida, pouco importa
O valor do contrário, porque o fraco
Sempre morre em desprezo do inimigo,
Pois quanto é menos forte, é mais honrado.
E porque tão funesta consequência
Escurecer não possa à ingrata Lísia
Tanto ilustre serviço, prontamente
Verás em cada artigo do tratado
Confirmada a razão de preferir-nos:

E murmure a arrogância lusitana.¹¹

CENA VIII

Viriato

Vir. Por serviço da Pátria, por livrar-me
Da vil mancha de ingrato, move aquele
Bárbaro coração, Tântalo injusto,
Que quer por um capricho temerário
Deslustrar não somente a minha glória,
Mas arriscar a paz, que a altiva Roma
Terá justos motivos de rompê-la
Logo que saiba o horror daquelas mortes,
Devendo suspeitar que presumimos
Que traidor um seu cônsul quis vilmente
Contaminar os meus embaixadores.
Vês reinar a desordem neste campo,
Em partidos a Lísia dividida,
Os frutos por colher; quase perdido
Aquele antigo espírito guerreiro,
Em disputas o bem da liberdade,
E nesta confusão vê que esperanças
Posso ter do sucesso dos combates?
Este grande serviço é mais ilustre,
Que quantos Viriato fez à Pátria.

ESTROFE

Horrores sobre horrores
Combatem, justa Deusa,
Minha alma em tanto assombro.
Eu vejo, Céus, eu vejo
Que o fim de qualquer sorte
Será funesto à Lísia.

ANTÍSTROFE

Não valem nossos rogos,
Já vejo o braço armado,
Já vejo os tristes golpes.
Movei, Deidade justa,

¹¹ *Partem.*

Movei o duro peito
De Tântalo indevoto.

ACTO V

CENA I

Apuleio, Coro

Coro. Que diz Tântalo? Ó Céus!
Apul. Inutilmente
O busquei deste lado; mil receios
De algum sucesso infausto me suscita
Aquele altivo génio; oh, quanto temo
Que honrado e valeroso castigasse
Na vida as injustiças da suspeita?

CENA II

Tântalo, Aulaces, Minuro, Dictalion e ditos

Tânt. Morrei, traidores.¹²
Tânt. Tântalo.¹³
Coro. Que vejo?
Aul. e Min. Esse traidor.

CENA III

Viriato e ditos

Vir. Que vozes? Mas que vejo!
Tânt. Vês convencidos esses feros monstros
Do execrando atentado.
Min. Vês patente
A injustiça de Tântalo.
Tânt. Ah, traidores,
Podeis....
Min. Senhor....
Tânt. Negar....
Vir. Fala Minuro.
Tânt. Ó Deuses, que traição!
Min. Quando a injustiça

¹² *Aulaces e Minuro fugindo e Tântalo seguindo-os.*

¹³ *Detendo-o.*

De tão bárbara gente maquinava
 Introduzir nessa alma generosa
 Aquela vil suspeita (a que deu causa)
 O teres preferido em tanta empresa
 A nossa lealdade) não queria
 Que esta prova, Senhor, do teu acerto
 Se demorasse mais: alucinado
 Pela antiga suspeita, ou por motivos
 Que até'gora julgava temerários,
 Contra nós esse ingrato o ferro impunha,
 Chamando-nos traidores a altas vozes,
 Quando me chega a ver junto da tenda.
Tânt. Quando te vi, traidor, mais avançado
 Que os imóveis, infames companheiros,
 E marchando com passos temerosos
 Assomar desde a porta cauteloso:
 Que outra cousa querias, vil, cobarde,
 Mais de que ver acaso Viriato
 Rendido estava ao sono? De outra sorte
 Sabias que o projecto era frustrado.
Min. Era culpa, Senhor, uma precisa,
 Cortês demonstração? Fora imprudência
 Despertar-te, quando não padecia
 Mais o novo interesse na demora.
 E como a toda a hora sempre vimos
 Viriato no campo, a toda a hora
 Que nele nos faltava, justamente
 Devíamos supor que tomaria
 O preciso descanso; em tantos anos
 Nunca Minuro entrou na sua tenda
 Sem aquela cautela, ainda que nunca
 Encontrou Viriato adormecido;
 Responda todo o exército e tu mesmo.
Vir. Assim executaste as minhas ordens,
 Assim te interessaste pela Pátria?
Apul. Não vi Tântalo.
Tânt. Oculto examinava
 Tão bárbaros desígnios.
Vir. De Apuleio
 Saberás indiscreto comoavas
 A desgraçada Lísia ao precipício.
Tânt. Ah, desgraçada Lísia, ah cara Pátria,
 Generosos Patrícios, mais não posso
 Fazer patente ao mundo a lealdade.
 Por ela de traidor, de tumultuoso,
 De indevoto, e de bárbaro me acusa

O grande Viriato: acabo infame
Por morrer bom Soldado: mas que exemplo
Não deixarei nos séculos futuros
Àqueles capitães, que pretendem
Antepor à lealdade lusitana
A fé de estranhas gentes? Que escarmento
Se tanto não custará a triste Lísia?
Morrerá Viriato às mãos infames
Desses contaminados estrangeiros,
Sepultando teu erro indesculpável
A lembrança de acções de tanta glória,
Glória, sim, conseguida em tantos feitos.¹⁴

CENA IV

Viriato, Minuro, Aulaces

Vir. Ó criminosa inveja, vil soberba,
Abomináveis vícios, como sempre,
Como sempre se engana o que por eles
Interpreta as acções de quem governa!
Vede vós se a arrogância lusitana
As práticas de paz consentiria,
Que nos promete já quanto descanso
Era preciso à tropa fatigada
Com três lustros de bárbara campanha,
Que nos livra daquela contingência
Companheira infeliz sempre das armas.
Min. Lê, Senhor, o tratado, e mais notória
Verás a sem-razão daquele injusto.
Vir. Na tenda acabarei de examiná-lo
Como é preciso; e lá mais sobre a tarde,
Depois de dar ao corpo algum descanso,
Verei à vista dele convencido
Aquele génio intrépido em que noto,
Suposto que indiscreto, um bem louvável
Amor da Pátria; e vós ide entretanto
Descansar, augurando-vos o prémio,
Se digno o pode haver de tal serviço.
Min. Essa expressão nos deixa satisfeitos.

CENA VI

¹⁴ *Parte, e Apuleio.*

*Apuleio, Minuro, Aulaces*¹⁵

Apul. Viriato?

Aul. Bem podes encontrá-lo
Antes de entrar na tenda, neste instante...

Apul. Basta que vos encontre: de um capricho
Bem digno de um soldado, é só que vemos
A cólera de Tântalo pendente;
Suponho que sabeis que Viriato
Me encarregou de ver se poderia
Fazê-lo desistir do desafio.

Min. Desse modo somente é que podemos
Escusar os horrores do combate.

Apul. Diz, se vos não deixardes ver no campo,
Que sofrerá por crédito da Pátria
Aquele mesma injúria.

Min. Se promete
(Quando foi o motor do desafio)
Que dúvida teremos, desejando
Sacrificarmos tudo ao bem da Lísia?

Apul. Por ele vos respondo.

Min. Tanto basta.¹⁶

CENA VI

Apuleio

Apul. Tens conseguido a Paz, ó cara Pátria,
Ó soberba Deusa, premiaste
O nosso ilustre amor da liberdade.
Faltava à Lísia a glória deste excesso
De valor e política; este exemplo
De boa fé do grande Viriato.

CENA VII

Tântalo e Apuleio

Tânt. Falaste a Viriato?

Apul. Não, mas....

¹⁵ *Falam baixo.*

¹⁶ *Partem.*

Tânt. Antes
Que ele mande render todas as guardas
Pelos nossos soldados, e que faça
Dar por ordem precisa, que não deixem
Sair do campo algum desses infames
Falsos embaixadores, não desisto
Do que aos Deuses jurei: nas suas vidas
Deixarei bem vingada a minha Pátria.
Apul. Oh, como a precipitas!
Tânt. Ah, se os visses
Enfiados e trémulos; Minuro
Um monte, ó Céus, movendo em cada passo,
Olhando para trás a cada instante,
E todos cautelosos observando
Já daqui, já dali sobressaltados,
Se alguém presenciava aquela infâmia;
Se os visses quando à tenda vão chegando
Meter ao mesmo tempo as mãos direitas
Nos criminosos seios, conservá-las
Na traidora postura servilmente,
Temeras um punhal em qualquer deles.
Apul. Oh, que ilusão! Nos génios suspeitosos
São mistério os acasos.
Tânt. Fosse acaso,
Mas é justa a cautela: que se segue
Daquela providência?
Apul. O indigno exemplo,
Que deixamos no mundo, é recompensa
De tão grande serviço aquela infâmia?
Sofrerei que depois de haver-lhe dado
Em teu nome palavra de não ires
Ao campo destinado, que eles passem
Por cobardes, por fracos; quando o fazem
Por virtude, por bem da nossa Pátria?
Se tu viras, ingrato, se tu viras
A generosidade com que logo
Desistiram da tua....
Tânt. Não; traidores,
Não vos valem políticas infames.
Apul. Temerário, aonde vais?
Tânt. Do pé da tenda
De Viriato, pela Pátria juro,
Só me hão-de separar feito em pedaços.
Apul. Isso não: seja Tântalo indiscreto,
Seja mão Lusitano, seja ingrato;
Mas Apuleio nunca deixe ao mundo

Suspeitas de vileza. Esses ministros
Só na minha palavra confiados,
Se deram por seguros; Viriato
Me confiou prudente a grande empresa
De evitar tanto escândalo; olha agora
Faltando indignamente ao que juraste;
Se tu segunda vez alucinado
Rompias noutro excesso, que diriam?
Que memórias deixara a Lusitânia
Depois de perecer no cadafalso.

Tânt. Eu quero morrer nele: o juramento
Bem vejo que quebranto, da amizade,
Da honra me esqueço; ó Pátria, tu me obrigas,
Tu me restaurarás tantas infâmias,
Ainda mal, não persistas.

Apul. Um só passo
Não deixarei que faças.

Tânt. Apuleio,

Apul. És bárbaro.

Tânt. Sou bárbaro, sou quanto
É um desesperado e obrarei quanto
Inspira a um furioso o amor da Pátria.

Apul. Pois mata-me, tirano, de outro modo
Inutilmente insistes.

Tânt. Ó Deidades!
Ó Júpiter supremo, é permitido
Que assim veja expirar a triste Lísia?
Ah, bárbaro Apuleio, a tua vida,
Bem que serviste a Pátria, importa menos
Que a do Restaurador da Lusitânia.
Morre.

Apul. Que intentas, bárbaro?

Coro. Ó Deidade,
Protectora da Paz! Supremos Deuses!

Tânt. Desiste pois, desiste.

Apul. Já desisto:

Mas junto me verás sempre a teu lado;
E se acaso quiseres temerário
Faltar àquela fê que me juraste,
Terás que vencer mais este inimigo.

Traição!¹⁷

Tânt. Deuses!¹⁸

¹⁷ *Dentro vozes.*

¹⁸ *Partindo.*

CENA VIII¹⁹

*Viriato, Tântalo, Apuleio e alguns Portugueses*²⁰

Vir. Amados Lusitanos,
Fiel Tântalo, já...

Coro. Supremos Deuses!

Vir. Já vês patente aquela má suspeita.
Expirou Viriato.

Tânt. Ah, vis traidores.²¹

Vir. Aquelas mãos infames; mas eu mesmo...

Apul. Eu fui Senhor, eu fui quem te deu morte;
Porque detive Tântalo, querendo
Evitar ao teu lado o fatal golpe

Vir. Preferindo a política à lealdade,
Desprezando o conselho dos Patrícios,
Acreditando a fé de estranhas gentes,
Dos primeiros desígnios preocupado,
Cegando-me imprudente amor da Pátria,
Malogrei os avisos, que me dava
A sábia Providência nas desordens,
Que os falsos estrangeiros maquinavam
No meu guerreiro exército, naqueles...

Apul. Mas como, senhor, como se atreveram?

Vir. Do modo que podiam atrever-se:
Dormindo me encontraram: tão suspensos
Ficaram todos quando os olhos abro,
Que o vil temor os deixa desarmados,
Não podendo acabar o indigno intento
No repetido golpe, que empreendiam.
Oh, se este débil braço conservara
Qualquer vigor, ó Céus, do mesmo assento
Prostraria aos meus pés esses cobardes.

Vir. Os Romanos, Patrícios, os Romanos
Vingarão minha morte no desprezo
De tão vis assassinos; os Romanos
Castigarão no bárbaro Servílio
A traição, que estranharam tanto em Galba;
Catões haverá sempre no Senado.
Expiro, Lusitanos; porém vendo
No generoso alento desses peitos
Aquele cego amor da liberdade,

¹⁹ Na edição de 1810 erroneamente transcrito como VII.

²⁰ *Viriato com a mão na ferida, encostando-se sobre a espada.*

²¹ *Parte.*

Que vos inspirei sempre, à minha Pátria
É mais útil o exemplo, que vos deixo,
Do que os débeis esforços do meu braço.
Inútil vedes já com os Romanos
A boa fé; traidores esses mesmos,
Que gerarão no infame cativoiro
Sem a nossa amizade.

Coro. Ó Deus supremo
Fazei patente já nossa inocência!

Vir. Amolecida a tropa no descanso
Armas, Patrícios, armas. Lá no inferno
Descontarei aquele sentimento
De não servir-te mais, ó Lusitânia,
Quando os Campos Elísios vir cobertos
Dessas almas Romanas; quando escute
Por tão justificadas testemunhas
A narração fatal de vossos feitos,
E conheça no estrago das feridas
Distintamente os braços poderosos
Do esforçado Apuleio, do invencível
Generoso Amastor, do forte Arsílio,
Do vingativo Tântalo. Patrícios
Amados, invencíveis Lusitanos,
Já desfaleço; vinde, vinde, filhos,
Meter todos as mãos nesta ferida,
Renovar os antigos juramentos
Contra Roma; jurai, jurai.

Port. Juramos.

Vir. Jurai defender a liberdade,
De preferir a tudo a vossa Pátria,
De não vos esquecer a minha morte
Enquanto, sim, ó Céus, nossas bandeiras
Não chegais a arvorar no Capitólio.

Transcrição de José Barbosa Machado a partir da edição de 1810 (Manuel de Figueiredo, *Teatro*, Lisboa, Impressão Régia, tomo XIII).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
